

ZULEICA SILVANO

PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

Crer em Jesus Cristo
e amar uns aos outros



ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A Primeira Carta de João, no Novo Testamento (NT), está incluída entre as cartas chamadas “católicas”. De origem grega, a palavra “católica” significa “para todos”, “universal”. Entre os comentadores, destacam-se duas justificativas para tal designação. A primeira afirma que é católica por ser dirigida a todas as comunidades cristãs; assim, tem como base o destinatário ou o interlocutor. A segunda explicação da origem desta denominação tem como critério sua canonicidade, ou seja, ela entrou para a lista dos livros inspirados da Bíblia (cânon) porque sua mensagem foi aceita por todas as comunidades.¹

A segunda justificativa parece ser a mais provável, se examinarmos todas as cartas católicas, visto que a primeira não é constatável, pois há entre essas cartas as destinadas a grupos específicos, como é o caso da Primeira Carta de Pedro. Nota-se, portanto, a ausência de uma explicação convincente, dado que, ao analisar as demais cartas (1 e 2Pd, 2 e 3Jo, Tg e Jd), há pouca afinidade ou semelhança entre elas. Mas, se avaliarmos somente 1Jo, as duas justificativas são plausíveis, pois o conteúdo é destinado a todos os cristãos, e essa carta

¹ BROWN, R. E. *Le Lettere di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 1986. p. 24. (Comenti e Studi Biblici).

não teve dificuldade em ser admitida no cânon,² sendo já acolhida na metade do século II.

Outra dificuldade é a de determinar qual foi o critério aplicado para unir as três cartas chamadas “joaninas”, por encontrar aspectos divergentes e porque, até a metade do século II d.C., essas cartas não tinham um título específico. Porém, se considerarmos 1Jo, não obstante algumas diferenças, por causa do contexto no qual foi escrita, classificá-la como “joanina” parece ser apropriado, pois nesse escrito é notória a semelhança com o Evangelho segundo João.

Outro problema que 1Jo apresenta é com relação ao gênero literário. Apesar de ser designada “carta” desde os primeiros séculos, ela não se enquadra nesse gênero, pela inexistência de suas características fundamentais, como: o cabeçalho, a saudação e as fórmulas conclusivas ou a despedida. Outro argumento contra a classificação epistolar, mencionado por alguns estudiosos, é a ausência de demonstração explícita de uma relação significativa entre o remetente e os destinatários.³ Esse argumento é defendido por poucos comentadores, pois encontramos uma afinidade entre o autor e seu interlocutor ao chamá-los de “filhinhos” e “amados”, e por verificar no conteúdo uma resposta a um grupo preciso e a uma problemática específica (2,19).

Alguns autores afirmam que seria uma exortação com uma finalidade didática ou pastoral, ou uma homilia. Berger⁴ a classifica como exortação pós-conversão (após

² ZUMSTEIN, J. As epístolas joaninas. In: MARGUERAT, D. (Org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 471.

³ ZUMSTEIN, As epístolas joaninas, p. 473.

⁴ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998. §40, p. 122-126. (Bíblica Loyola, 23).

a adesão a Jesus Cristo e o Batismo), por ter como tema central o mandamento do amor e por abordar temas relacionados com o Batismo, como: a oposição entre luz e trevas, catálogos de vícios, a santificação, a questão da concupiscência e as várias antíteses apresentadas no texto (cf. Cl 1,13-14; At 26,18; Ef 5,6-11). Desse modo, poderia ser considerado um tratado religioso, sapiencial ocasional ou escrito didático pastoral. Diante das várias propostas, podemos classificá-la como uma carta exortativa (parenética),⁵ endereçada a um grupo na comunidade, com a finalidade de anunciar o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, de indicar um itinerário cristão para aqueles que aderem a Jesus, o Filho de Deus, após o Batismo, e de manter a fé da comunidade diante das falsas doutrinas propagadas pelos chamados falsos profetas. Por isso, é o escrito que mais estabelece uma relação entre fé e amor, entre professar que Jesus é o Cristo e o agir cristão.

Vários exegetas defendem a unidade dessa carta. A única passagem provavelmente acrescentada é 1Jo 5,14-21, pelos seguintes motivos:

- a) o v. 13 traz todas as características de uma fórmula de conclusão;
- b) a concepção de pecado em 5,16-17 é diferente daquela apresentada em 1Jo, sobretudo em 1,5-10;
- c) os termos utilizados não ocorrem no decorrer da carta, somente nesses versículos; e
- d) a idolatria (v. 21) não é uma problemática referida nos capítulos anteriores.

⁵ ZUMSTEIN, As epístolas joaninas, p. 475.



1.1 ESTRUTURA DA CARTA

Há um longo debate sobre a estrutura de 1Jo e, por enquanto, nenhum consenso entre os comentadores.⁶ Isso se dá porque a Primeira Carta de João não é escrita de forma linear e o conteúdo não é concatenado. São agregados temas diferentes num mesmo capítulo e realizadas constantes retomadas de temáticas aprofundadas em capítulos anteriores.

Há várias propostas de subdivisão do conteúdo da carta, que partem de diversos princípios estruturantes, como os aspectos formais (baseados na gramática, no estudo do vocabulário etc.); há aqueles que privilegiam a análise temática,⁷ outros que priorizam os elementos literários, um determinado método (como a aplicação da análise retórica⁸), ou preferem estruturá-la por meio de critérios hermenêuticos.⁹ Alguns comentadores tentam ajustar a carta à estrutura do Evangelho segundo João, por enfatizar o paralelo entre esses escritos. Esses autores dividem o conteúdo em duas partes, sendo emolduradas por um prólogo (1,1-4) e uma conclusão (5,13-21). A

⁶ Giurisato apresenta as várias propostas de estruturação desta carta, desde os padres do século I d.C. até 1997, e oferece uma delimitação dela, baseando-se na análise literária e retórica (cf. GIURISATO, G. *Struttura e teologia della prima Lettera di Giovanni: analisi letteraria e retórica, contenuto teologico*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1998. [Analecta Biblica, 138]).

⁷ ZUMSTEIN, As epístolas joaninas, p. 472.

⁸ Giurisato divide a carta em sete perícopes, além do prólogo e do epílogo, da seguinte forma: Prólogo: 1Jo 1,1-4; Primeira Perícope: 1,5-2,6; Segunda Perícope: 2,7-17; Terceira Perícope: 2,18-28; Quarta Perícope: 2,29-3,10; Quinta Perícope: 3,11-22; Sexta Perícope: 3,23-5,4; Sétima Perícope: 5,5-17 e o Epílogo: 5,18-21 (cf. GIURISATO, *Struttura e teologia della prima Lettera di Giovanni*, p. 298).

⁹ Para uma síntese das diferentes propostas de estruturação de 1Jo, confira o comentário de BEUTLER, Johannes. *Le Lettere di Giovanni: introduzione, versione e commento*. Bologna: EDB, 2009. p. 14-17.

primeira parte tem como tema a fé (1,5–3,10) e a segunda, o amor (3,11–5,12).¹⁰ Apesar de ser uma estrutura aceita por vários comentadores, assumiremos a proposta de Beutler,¹¹ com algumas alterações de Giurisato,¹² por ser mais viável para nosso aprofundamento. Subdividimos 1Jo da seguinte forma:

Introdução com a finalidade do escrito: 1Jo 1,1-4

- I Parte (1,5–2,17): “Deus é luz” e a exortação para caminhar na luz e não nas trevas
 - a) Deus é luz, o caminhar na luz e a confissão dos pecados: 1,5–2,6
 - b) O amor fraterno e as antíteses: luz e trevas, o Pai e o mundo: 2,7-17
- II Parte (2,18-28): “A última hora”
 - a) Manifestação do anticristo e a manifestação de Cristo
 - b) Profissão de fé em Cristo
- III Parte (2,29–4,6): “Deus é justo”, prática da justiça e a filiação divina
 - a) Ruptura com o pecado e a prática da justiça: 2,29–3,10
 - b) Observância dos mandamentos: o amor fraterno: 3,11-24
 - c) Ruptura com o mundo, discernimento dos espíritos e a fé autêntica: 4,1-6

¹⁰ BROWN, *Le Lettere di Giovanni*, p. 190.

¹¹ BEUTLER, *Le Lettere di Giovanni*, p. 17.

¹² GIURISATO, *Struttura e teologia della prima Lettera di Giovanni*, p. 21-298.



IV Parte (4,7-5,17): “Deus é amor”, o amor fraterno e o crer em Jesus Cristo

a) Observância dos mandamentos: o amor fraterno: 4,7-21

b) Crer em Jesus Cristo: 5,1-17

Conclusão: 1Jo 5,18-21

Em cada seção é abordado um argumento sobre Deus, Jesus Cristo e o agir cristão.¹³ Na primeira seção, o cristão é convidado a caminhar na luz, pois “Deus é luz”. Na segunda, há uma contraposição entre a manifestação do anticristo e a revelação de Cristo. Na terceira seção, o seguidor e a seguidora de Jesus Cristo são exortados a praticar a justiça, dado que “Deus é justo” (2,29), e o fiel é considerado filho de Deus. Na última parte, apresenta a necessidade de viver a comunhão com Deus e com o outro, pois “Deus é amor” (4,8.16).

1.2 AUTORIA

Desde o século II d.C., a Primeira Carta de João foi atribuída ao apóstolo e discípulo João, filho de Zebedeu, identificado com o evangelista, autor do quarto Evangelho (Jo).¹⁴ Essa relação surge por causa das semelhanças literárias e teológicas existentes entre estes dois escritos e pelo testemunho que o autor dá em 1Jo 1,1-4, ao afirmar ter ouvido, visto, contemplado e apalpadado a Palavra da Vida. Porém, essa hipótese é

¹³ BEUTLER, *Le Lettere di Giovanni*, p. 17-18.

¹⁴ Ireneu atribui a João, discípulo e apóstolo, o Evangelho e 1Jo (cf. IRENEU DE LIÃO, *Contra as heresias*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. III 16,5, p. 320. (Patrística, 4).

questionada, na medida em que novas pesquisas põem em dúvida a autoria do quarto Evangelho, descartando a hipótese de que foi escrito pelo discípulo e apóstolo João.¹⁵ São detectadas também diferenças significativas entre Jo e 1Jo, pois a problemática abordada na carta retrata um contexto histórico distinto daquele do Evangelho segundo João.

Nos estudos atuais destacam-se três propostas de identificação da autoria de 1Jo:

- A primeira defende que o autor seria um membro da comunidade joanina, talvez um discípulo de João.
- A segunda prefere atribuir esse escrito anônimo à escola joanina.
- A terceira proposta argumenta que o autor é João, o presbítero (ou ancião), mencionado na Segunda e Terceira Carta de João.¹⁶

É ainda um debate em aberto, não sendo possível determinar com precisão sua autoria, porém a primeira ou a segunda hipótese são as mais plausíveis.

Apesar da autoria atribuída a João apóstolo não ser aceita, é necessário considerar que, na Antiguidade, era comum usar o nome de uma personagem importante para embasar a autoria de determinado livro ou texto, dado que a concepção de autor era diferente da visão

¹⁵ BEUTLER, J. *Evangelho segundo João*: comentário. São Paulo: Loyola, 2016. p. 31-33. (Bíblica Loyola, 70).

¹⁶ Essa possibilidade é também mencionada por Eusébio de Cesareia, ao citar Papias em *História Eclesiástica* III, 39,4. Esse dado pode ser verificado em EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 166. (Patrística, 15).



que temos hoje. Embora seja difícil elencar as justificativas para tal prática, podemos dizer que havia uma relação entre autoria e autoridade. Assim, dedicar uma obra a certa figura importante para a comunidade era uma forma de honrá-la e, ao mesmo tempo, atribuía um valor ao escrito, tornando-o exclusivo, pois expressava que a teologia, o pensamento, as concepções, as ideias de determinado mestre, apóstolo, ou líder continuavam por meio de seus discípulos.¹⁷

Nas entrelinhas da carta percebemos a influência da tradição profética, sobretudo dos textos referentes à Nova Aliança descrita em Jr 31,31-34 e Ez 36–37, porém não há nenhuma alusão à cultura, às autoridades judaicas, nem citação do Antigo Testamento; somente nomeia Caim em 1Jo 3,12.

A preocupação do autor parece ser transmitir aos seus “amados” filhos aquilo que ele recebeu desde o princípio (1Jo 1,1; 2,7.24; 3,11). Essa dinâmica testemunhal é determinante para compreender esta carta, pois provavelmente o autor deseja apresentar um testemunho confiável da verdadeira vivência e dos fundamentos cristãos em contraposição às falsas doutrinas propagadas na comunidade.¹⁸ Por isso, não é somente uma carta polêmica, mas contém um sólido conteúdo sobre o que significa ser cristão, ser cristã e as consequências práticas da fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus.

¹⁷ MANZONI, C. V. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 19-22. (Comentário Bíblico).

¹⁸ FOSSATI, M. *Lettere di Giovanni, Lettera di Giuda*: introduzione, traduzione e commento. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 2012. p. 19. (Nuova versione della Bibbia dai testi antichi, 55).

1.3 DESTINATÁRIOS OU INTERLOCUTORES

Quantos aos destinatários, vários comentadores defendem que essa carta foi dirigida aos cristãos diante da divisão no interior das comunidades joaninas. De fato, percebe-se que, provavelmente, há dois grupos em conflito que seguiam a tradição joanina, mas a interpretavam de forma diferente. O primeiro permanece fiel aos ensinamentos dados pelo evangelista João, e o segundo grupo é acusado de ter abandonado a fé autêntica e criado uma ruptura na unidade da comunidade. Os membros desse segundo grupo são denominados de “sedutores”, “anticristo”, “enganadores” (2,26), “falsos profetas”, “não têm a unção” autêntica (2,20.27), nem o verdadeiro ensinamento (2,27). Apesar de haver várias propostas, não há consenso quanto à definição desse grupo.¹⁹ Ao analisar o conteúdo da carta, parece que os interlocutores são os membros da comunidade e o alvo é este grupo de dissidentes que negavam o significado salvífico da vida e morte de Jesus, resultando em concepções errôneas quanto à visão de Cristo,²⁰ à salvação, mas, sobretudo, à ética cristã.

1.4 DATAÇÃO E FINALIDADE

Não há consenso quanto à datação desta carta. As opiniões oscilam entre o final do I e início do século II d.C. Atualmente, a hipótese mais aceita é que 1Jo tenha sido escrita no primeiro decênio do século II d.C.,

¹⁹ TILBORG, Sjeff van. As Cartas de João. In: THEVISSSEN, G.; KAHMANN, J. J. A.; DEHANDSHUTTER, B. *As cartas de Pedro, João e Judas*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 187. (Bíblica Loyola, 7B).

²⁰ ZUMSTEIN, As epístolas joaninas, p. 480.



entre os anos 100 e 130²¹ (mas não posterior a 130), e, possivelmente, por alguém que vivia na Ásia Menor, talvez em Éfeso.

A finalidade do autor não é a de apresentar elementos novos, mas a de refutar a visão dos adversários, visando reavivar a fé da comunidade e exortar a agir cristãmente.

O problema central com os dissidentes provavelmente seria a relativização do valor salvífico da morte de Jesus (2,22; 4,2-6) e da encarnação do Filho de Deus. Outros argumentam que o problema estaria na separação entre crer em Jesus Cristo e viver de acordo com essa fé, por meio de uma vivência ética condizente com os valores cristãos. Por último, há aqueles que defendem que os adversários, após o Batismo, se consideravam espirituais, já salvos, ungidos, em plena comunhão com Deus (1,6), sem pecado e sem a possibilidade de pecar (1,8.10). Já conheciam plenamente Deus e Cristo (2,4), já tinham a posse do Espírito Santo (3,24-4,6), permaneciam em Cristo (2,6), estavam na luz (2,9) e, portanto, não necessitavam da mediação salvífica de Jesus Cristo (cf. 1Jo 2,18-27),²² nem de amar o próximo (4,20). Diante dessas hipóteses, provavelmente, a finalidade do autor nessa carta não é a de defender o messianismo ou a divindade de Jesus, mas a de mostrar que aderir a Jesus Cristo e ser batizado não isenta o cristão do seu compromisso

²¹ Em meados do século II d.C., a Primeira Carta de João começa a ser citada pelos Padres da Igreja (Papias de Hierápolis, Policarpo de Esmirna, Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano) e aparece no Cânon de Muratori (cf. STOTT, J. R. W. *I, II e III João*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 14-15. [Cultura Bíblica, 18]).

²² BEUTLER, *Le Lettere di Giovanni*, p. 23.

com o amor fraterno e a importância da dimensão social desta salvação. Desse modo exorta a comunidade à vivência cristã e a crer que Jesus crucificado, enquanto Filho de Deus, é o mediador da salvação. Por isso, há referências significativas com relação à cristologia (1Jo 3,24–4,6.14; 5,20).

A partir desse objetivo, os aspectos teológicos evidenciados em 1Jo são: a fé em Jesus como Messias e Filho de Deus; a importância salvífica da morte de Jesus; a responsabilidade ética do batizado, ou seja, a fé conectada ao amor ao próximo. Outros elementos teológicos são: o papel fundamental do Espírito Santo ao conduzir o batizado nos ensinamentos de Jesus Cristo; a visão antropológica do batizado e sua relação com a filiação divina. A escatologia cristã também é uma temática importante, como a vivência messiânica na história e a vinda futura de Cristo (2,28; 3,2; 4,17). No sentido teológico, nota-se a dificuldade em definir em alguns textos se a ação é de Deus Pai ou do Filho, sendo determinante o contexto. O autor também menciona o Espírito Santo, porém com cautela, provavelmente por causa dos adversários.

1.5 LINHAS TEOLÓGICAS DA PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

Os pontos fundamentais da Teologia da Primeira Carta de João estão em consonância com a problemática na comunidade com relação aos três aspectos teológicos, a saber: a cristologia, a ética e a antropologia. Dessa forma, o autor tenta manter-se fiel ao significado salvífico da vida de Jesus Cristo. Entre as linhas teológicas fundamentais dessa carta, destacamos: a fé em Jesus



Cristo e em Deus Pai, o Espírito Santo, a vida eterna e a ética cristã.

1.5.1 A fé em Jesus Cristo e em Deus Pai

O tema e o personagem central de 1Jo é Jesus Cristo, mas a carta é também perpassada por referências a Deus Pai e ao Espírito Santo. Essa centralidade em Jesus tem como motivo a interpretação errônea do Evangelho segundo João por pessoas que eram membros da comunidade. Elas não atribuíam significado salvífico à existência humana de Jesus de Nazaré, negando, desse modo, a redenção. Essa postura dos opositores gerou um problema antropológico, pois afirmavam que viviam em comunhão com Deus e, portanto, não tinham pecado (1Jo 1,8-10) e não necessitavam amar o irmão (2,9-11; 3,11-18; 4,20). Por isso, o valor redentor da morte de Jesus como expressão da salvação de Deus (1Jo 1,7; 2,2; 4,10; 5,6.8) é enfatizado na carta.

A comunidade cristã, portanto, é chamada a crer em Jesus e a segui-lo na prática do mandamento do amor e da justiça. Aquele que diz que ama e conhece a Deus, mas não ama seu irmão, como sublinha 1Jo, é um mentiroso (2,4). De fato, a fé tem como conteúdo fundamental acreditar no amor de Deus revelado em Jesus Cristo, e não há compatibilidade entre professar a fé nesse amor e não agir de acordo com essa fé. Assim, o amor para com outro, como “expressão da fé”, se reveste de um significado salvífico²³ e cristológico.

²³ BEUTLER, *Le Lettere di Giovanni*, p. 27.

No decorrer da carta, Jesus é apresentado como Filho Unigênito do Pai (4,9), Messias (2,18-27; 5,1), Filho de Deus (4,15; 5,5.10), Justo (2,1), oferta de expiação dos pecados (1,7; 2,2; 4,10), Paráclito (2,1), defensor dos cristãos, “vindo na carne” (4,2), “Salvador do mundo” (4,14), vindo “na água e no sangue” (5,6). Ele é o enviado do Pai com a finalidade de manifestar o amor de Deus (3,16; 4,8-16). Nessa carta também é mencionado o evento histórico da encarnação do Filho (4,2), sua vinda (4,9.10.14), seu Batismo (5,6), sua manifestação (1,2; 3,5.8; 4,9), a importância de sua morte e ressurreição, e é anunciada sua vinda futura (Parúsia). Os frutos da fé em Jesus Cristo são: a comunhão com Deus (2,24; 4,15); a posse da vida eterna (2,25; 5,13); a vitória sobre o mundo (5,4.5) e a confiança (2,28).

Deus é definido como “luz” (1,5) e “amor” (1Jo 4,8.16). Ele ama a humanidade, convida cada batizado a amar o próximo (1Jo 4,11-12) e permanece em estreita comunhão com aqueles que creem em seu Filho (1Jo 4,12.15-16). Outra referência a Deus está em 1Jo 3,20, quando afirma que ele conhece todas as coisas e é misericordioso, benevolente. Em 4,9, o autor ressalta que o plano salvífico é de Deus Pai, por isso envia seu Filho para conceder a vida eterna para todos (1Jo 5,11.20).

1.5.2 Espírito Santo

Os líderes que se separaram da comunidade, denominados “anticristos”, se consideravam profetas conduzidos, inabitados pelo Espírito e autorizados a ensinar os demais membros da comunidade. O autor exorta a comunidade a discernir quais são aqueles



que pertencem ao espírito do engano e a distingui-los daqueles que são gerados por Deus, tendo como único critério acreditar em Jesus “vindo na carne”. Esse critério, portanto, desautoriza os falsos mestres, por pregarem falsas profecias (4,1-3).

A vinda do Espírito Santo era prometida para o fim dos tempos (Jl 3,1-2; Is 11,4; 32,15 e 59,21), mas é antecipada com a vinda do Filho de Deus. Assim, ele está intimamente relacionado com o Messias Jesus (4,2), sendo, portanto, o sinal de sua filiação divina (5,6) e do início da era messiânica. O Espírito também é aquele que estabelece a comunhão entre o Pai, o Filho (3,24; 4,13) e os membros da comunidade. Ele assume uma dimensão ética, sendo associado também à verdade e ao amor. Tais aspectos são completamente negligenciados pelos opositores.

1.5.3 Vida eterna

Apesar da permanência de Jesus Cristo e de Deus em todos os cristãos que praticam a justiça e amam seu próximo, a plena união com Deus e a manifestação definitiva da salvação só serão possíveis em sua vinda definitiva, no fim dos tempos (Parúsia). Nesse tempo de espera, o cristão é chamado a agir conforme a fé num Deus-Amor revelado em Jesus Cristo. Isso contradiz a visão dos adversários, que pensavam que já estavam salvos e não necessitavam da mediação de Jesus Cristo.

Um aspecto característico dessa carta, também presente na literatura joanina, é considerar Jesus como a vida eterna (1,1; 5,20). Vida que estava com o Pai desde o princípio (1,1), que é revelada (1,1), nos é dada